

RELATÓRIO DO VI FÓRUM ESTADUAL DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

24 out. 2009 - Palhoça, Santa Catarina, Brasil.

Tema central:

BIBLIOTECA ESCOLAR: ESPAÇO DE ARTICULAÇÃO DE SABERES

Resumo: Relatório do VI Fórum Estadual de Bibliotecas Escolares realizado em Palhoça (SC), no dia 24 de outubro de 2009.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar; Bibliotecário – Professor – Poder Público – Parceria; Biblioteca Escolar – Santa Catarina – Fórum; Grupo de Bibliotecários da Área Escolar de Santa Catarina (GBAE/SC).

O VI Fórum Estadual de Bibliotecas Escolares ocorreu nas instalações do Curso e Colégio Fatenp, localizado no Município de Palhoça (SC). Esse evento foi constituído por cinco Conferências e uma Mesa Redonda, divididas em dois blocos. O primeiro, no período matutino, integrou duas conferências e lançamento de livro; o segundo, no período vespertino, contou com três conferências e uma mesa redonda. Entre esses dois blocos aconteceram uma dramatização e uma contação de história.

O início das atividades ocorreu as 9 horas quando, dirigindo-se aos Bibliotecários, Pedagogos, Acadêmicos de Biblioteconomia e de Pedagogia e demais acadêmicos e profissionais da Educação, a Mestre de Cerimônia Herta Kieser chamou para compor a Mesa de Abertura os senhores Taury Rocha Ramos, Jorge Coelho e Álvaro Barros da Silveira (diretores da Fatenp), Inês Josino da Silva (Bibliotecária e Coordenadora dos Cursos da Fatenp), Élia Mara Magalhães Brites (Bibliotecária e representante do Conselho Regional de Biblioteconomia de Santa Catarina - CRB-14), Juliano Zimmermann (Presidente da Associação Catarinense de Bibliotecários – ACB), e Eliane Fioravante Garcez (Coordenadora do

Grupo de Bibliotecários da Área Escolar de Santa Catarina - GBAE/SC). Por motivos de força maior o Prefeito do Município de Palhoça, Senhor Ronério Heiderscheidt, não participou desse ato.

Após a execução do Hino Nacional, cantado pelos alunos do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Fatenp, acompanhados pelo violinista Bruno Freitas e regidos por Jairo Aldo da Silva, passou-se ao pronunciamento dos integrantes dessa mesa.

Os diretores da Fatenp foram unânimes em externar a satisfação pela instalação do evento naquela instituição, inaugurando aquele auditório. Com este mesmo sentimento Inês Josino da Silva, salientou o quanto os Fóruns Estaduais de Bibliotecas Escolares realizados no Estado têm sido importantes para a categoria bibliotecária. Élia Mara Magalhães Brites e Juliano Zimmermann manifestaram, respectivamente, a satisfação do CRB-14 e da ACB pela parceria e colaboração dos bibliotecários para a realização de atividades como esta. Eliane Fioravante Garcez, coordenadora do GBAE/SC, agradeceu aos presentes pelo apoio e participação, e à direção da Fatenp por acolher o evento. Comentou sobre a itinerância do mesmo por Santa Catarina, o que vem ampliando a discussão sobre questões da Biblioteca Escolar (BE) em nosso território. Eliane informou que o tema do evento nasceu da leitura do artigo “*Estações de conhecimento: espaços e saberes informacionais*” de Perrotti e Verdini, publicado em 2008 no livro “*Sentidos da biblioteca escolar*”. Acrescentou que a BE ter sentido enquanto estação de conhecimento precisa aproximar diferentes em suas atividades e discussões. No entanto, o que ela observa é que há fóruns na área da pedagogia, da literatura, de letras, por exemplo, que pouco inclui a BE em suas pautas. Comentou ainda, que a visibilidade profissional e política estão relacionadas às nossas ações e aproveitando o momento convidou os presentes para fazerem parte do GBAE/SC.

Após esse pronunciamento desfez-se a mesa de abertura. A Mestre de Cerimônia convidou a Professora Ursula Blattmann (Doutora em Engenharia de Produção, do Departamento de Ciência

da Informação, da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC) para coordenar os trabalhos do período matutino, e Claci Terezinha Ross Gebien (Bibliotecária Escolar no Colégio Energia) para a relatoria dos mesmos.

A conferência de abertura foi proferida pelo catarinense **Celestino Sachett** (Professor, Doutor em Filosofia da Educação, PhD em Literatura Portuguesa, membro da Academia Catarinense de Letras - ACL e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC). A partir do título “**Bibliotecários: enamorados do livro ou do leitor?**”, o conferencista iniciou seu pronunciamento informando que, na atualidade, os enamorados transformam-se em ‘ficantes’, assim como o livro em *e-book* e o leitor em fruidor. Para Celestino, “*o fruidor tem de ser primeiro leitor*”. Para ele, parece que a sociedade em que vivemos está interessada em acabar com o enamoramento, com o livro e com o leitor, por estarmos mergulhados numa época de “**cenários flexíveis**” - desfazimento constante de objetos, situações e/ou compromissos. Enfatizou que na escola a ideia dos “cenários” aparece com valores que transformam e transtornam tanto as atividades de professor, quanto as de bibliotecário, quanto as de aprendiz (aluno/a). Nessa atmosfera o conferencista entende que toda a filosofia e todo o processo do ensino e da aprendizagem estão amarrados em sete valores que nos comandam o comportamento e a liderança. São eles: “*1- manejamos verdades transitórias e sem convicção; 2- em lugar de conteúdos devemos incorporar comportamentos; 3- temos que exercer uma profissão ou um emprego – em permanente estudo e competentes decisões; 4- devemos manifestar vontade de aprender não importa onde e não importa quando; 5- temos que esgaravatar em muitas fontes até chegarmos ao conhecimento que nos interessa; 6- dispomos de energia suficiente para participar da elaboração de conhecimentos fora-da-escola; 7- devemos manifestar nossa disposição de trabalhar a qualquer hora e não importa com quem, desde que o outro possa trazer colaboração.*” Deixando o professor

e o aprendiz para trás, o conferencista prende-se na figura do bibliotecário, dizendo que o compromisso desse profissional na escola, pautado no ‘conhecer para amar’, deve ser guiado pela personalidade do aprendiz que lhe vêm à mão, ou seja, o que esse aprendiz pensa, quer e impõe, e que também pode transformar-se em parceiro.

A partir disso, Celestino questiona: qual é hoje o papel do bibliotecário nas escolas, em geral freqüentadas por adolescentes, cada um em seu universo particular de desejos e de emoções, postos em conflito diante de um livro ou de um texto sugerido pelo tema em estudo? Entende o conferencista que os bibliotecários estão tanto a serviço do livro quanto do leitor, numa confluência de papéis. Enquanto o estudante-leitor procura enamorar-se de um texto que lhe seja relevante, este mesmo fruidor, enquanto pessoa, deve se sentir relevante diante do bibliotecário. Celestino esclarece que ser relevante para alguém não está escrito em nenhum manual de serviço, muito menos em qualquer manifestação de autoridade. Por isso, a necessidade do bibliotecário ser diferente a cada dia e criar marca pessoal a cada contacto com o outro. Sugere aos bibliotecários presentes que enamorem-se do livro e do leitor, mas acima de tudo, enamorem-se de si mesmos e de seu trabalho, para que livros e leitores enamorem-se deles cada vez com maior relevância.

A segunda conferência “**A biblioteca escolar em desenhos e enunciados de sujeitos escolares**” foi proferida pela professora **Lucília Maria Sousa Romão** (Doutora em Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - FFCLRP/USP), que apresentou síntese de pesquisa que coordenou e posteriormente publicou no livro “*Sentidos da Biblioteca escolar*”.¹

¹ROMÃO, Lucília Maria Sousa; BASTOS, Gustavo Grandini; ALMEIDA, Ludmila Tatiane Rodrigues de. Silêncio da e na biblioteca escolar: de como sentidos são produzidos em desenhos por sujeitos escolares. In: ROMÃO, Lucília

Lucília iniciou sua apresentação indagando aos presentes, o que é a biblioteca escolar e posteriormente passou a apresentar a sua resposta. *Biblioteca*, disse ela, “*é um lugar de oportunidades, e o leitor que ali adentra, tira os frutos dessa oportunidade. A biblioteca é de toda a comunidade, e para que ela tenha um raio ampliador de atuação é necessário haver interação biblioteca-escola-comunidade. A biblioteca deve buscar o leitor para estar presente nessa comunidade. Profissionais com a postura adequada devem permitir este fluxo.*” Disse que, discursivamente, a BE possibilita a emergência de várias vozes “*Os livros tagarelam de vários lugares. A biblioteca é uma tremenda tagarelice*”. Portanto, na BE há movimentos plurais de leitura. Mas, segundo ela, viemos de uma tradição de leitura que não abre espaço para o novo; para o diferente, e é preciso investir na multiplicidade com o diferente. Para que isso ocorra entende ser necessário que o bibliotecário se abra ao gosto do leitor, para que o leitor tenha na leitura o gosto da interpretação. Lucília passou, então, a relatar o resultado de pesquisa sobre biblioteca, bibliotecário e leitura na BE com base nos desenhos de pequenos usuários, os quais retratam o modo como eles vêem/concebem a biblioteca escolar. Dito isto, a conferencista passou a detalhar o seu projeto de pesquisa cujas perguntas iniciais foram: Como os sujeitos-escolares discursivizam a biblioteca escolar? Como colocam em movimento sentidos sobre ela? Como se colocam (ou não) como sujeitos leitores?

A coleta dos dados foi realizada em três cidades da região de Ribeirão Preto (SP) e envolveu 700 escolares. Os sentidos de BE dados pelas crianças foram materializados a partir de desenhos e enunciados. A técnica para se chegar aos sentidos dominantes foi através do mapeamento dos sentidos mais repetidos. Em *slides*, Lucília trouxe 27 desenhos e 11 discursos, das totalidades coletadas.

Maria Sousa. *Sentidos da biblioteca escolar*. São Carlos: Compacta, 2008. Parte 3, p. 147-165.

Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.16, n.2, p. 518-537, jul./dez., 2011.

Lucília dividiu esse material em cinco temas: 1- A biblioteca vista de fora; 2- A biblioteca escolar da porta para dentro; 3- A biblioteca e o silêncio obrigatório; 4 - Na biblioteca escolar, crianças tocando os livros; e 5- Como eu gostaria que fosse a biblioteca escolar? Seguidamente a conferencista passou a apresentar as conclusões do estudo. Por meio da técnica utilizada as autoras interpretaram que àquelas crianças vêem a biblioteca como: “*espaço muito arrumado e fechado*”, há uma “*preocupação com a ordem, simetria e controle*”. Nele há a “*imposição do silêncio*”, além do “*apagamento dos leitores e do prazer da leitura*”. Mas, segundo as pesquisadoras há nessas crianças um discurso que revela uma resistência: o “*prazer do toque, do contato e da aproximação com os livros*”, os “*movimentos e mobilidade do espaço*”, o “*desejo de ter acesso a diversos suportes, jogos, materiais, materialidade etc*” e de “*leitores com liberdade de manter a interlocução*”.

No último *slide* Lucília expôs e leu “*As palavras*” de Jean Paul Sartre, também citadas na introdução do seu livro “*sentidos da Biblioteca Escolar.*”

Deixavam-me vagabundear pela biblioteca e eu dava assalto à sabedoria humana. Foi ela que me fez. (...) As densas lembranças, e a doce sem-razão das crianças do campo, em vão procurá-las-ia, eu, em mim. Nunca cavouquei a terra nem farejei ninhos, nem joguei pedras nos passarinhos. Mas os livros foram meus passarinhos e meus ninhos, meus animais domésticos, meu estábulo e meu campo; a biblioteca era o mundo colhido num espelho; tinha a sua espessura infinita, e a sua variedade e a sua imprevisibilidade. (SARTRE, 2000, p. 37).

Essa apresentação possibilitou ao público presente refletir sobre as mensagens que crianças guardam da BE e, por extensão, do trabalho desenvolvido por bibliotecários e professores. De certa maneira os sentidos de BE expressos por elas servem de subsídio

para se pensar em políticas públicas no ambiente in-formativo da/na escola, na formação de bibliotecários e de professores, no que se refere à inclusão da BE na vida dos escolares.

Encerrada esta segunda conferência, a coordenadora dos trabalhos, professora Ursula Blattmann, abriu espaço para perguntas aos temas abordados nas conferências 1 e 2, dando início ao debate.

As perguntas dirigidas ao professor Celestino Sachett ficaram para ser encaminhadas ao mesmo, via e-mail, pois logo após a sua explanação ele precisou se ausentar. Passou-se, então, às perguntas dirigidas à professora Lucília Romão, as quais acompanhadas das respectivas respostas encontram-se a seguir.

Pergunta 1- O que fazer quando existe muita liberdade transformando-se numa enorme bagunça? Como lidar com esta questão?

Lucília: O que fazer com mais liberdade? Evitar que se transforme em bagunça. Por exemplo, inserindo na biblioteca atividades como “Hora de ler e de contar histórias”, oferecendo oportunidade das crianças atuarem como bibliotecário-mirim.

Pergunta 2- Qual foi a abordagem utilizada com as crianças nesse estudo? No momento teve a presença do professor? Caso sim, isso pode inibi-las? Como promover mudanças na metodologia de ação dos professores atuantes na BE? Tem projetos para a formação de professor com visão aberta e voltada para o leitor? A partir dos resultados dessa pesquisa houve uma comunicação entre as escolas e bibliotecários de como os alunos viam a biblioteca? Houve mudanças para a melhoria em relação às observações dos alunos?

Lucília: Não havia a presença de professor e nem a de autoridades da escola. Através de Grupo de estudos é possível pensar em possibilidades de intervenção.

Pergunta 3- Como administrar o barulho na biblioteca ou permiti-lo, uma vez que nela há brincadeiras e falas, e é preciso respeitar os que precisam ler, pesquisar, se concentrar?

Lucília: É importante saber dosar.

Pergunta 4- Você acredita que os espaços para o estímulo de leitura, além de ser responsabilidade do bibliotecário, é também de pedagogos, pois cada uma tem uma visão diferenciada?

Lucília: Não é do bibliotecário toda a responsabilidade de educar para a leitura. Toda a comunidade escolar deve ser enamorada da leitura/livro. Estudos interdisciplinares são necessários.

Encerrados os questionamentos, mais uma vez a professora Lucília agradeceu o convite para participar desse evento. Por entender que a biblioteca é um ninho onde os que precisam de informação são aquecidos com oportunidades de leitura, e de nele ser possível chocar novos leitores, pronunciou as seguintes palavras: *“o ninho é um entrelaçar de vários fios com formatos diferentes que possibilitam a construção destes ninhos. Que os livros sejam possibilidades de aninhamento”*.

Após esse pronunciamento a Mestre de Cerimônia convidou os presentes para o lançamento e sessão de autógrafo do livro *“Sentidos da Biblioteca Escolar”* organizado pela professora Lucília Romão. Neste livro, o artigo *“A biblioteca no currículo da escola e a conduta do bibliotecário”* tem autoria de dois profissionais que atuam em SC; Francisco das Chagas de Souza (UFSC) e Eliane Fioravante Garcez. Concluída essa atividade houve intervalo para almoço.

O retorno das atividades no período vespertino deu-se com uma dramatização e uma contação de história no Hall da Fatenp. A dramatização **“Uma boca divina fala em mim”**, vida e obra de Florbela Espanca, foi um monólogo apresentado pela professora e Mestre em Teoria da Literatura **Roseli Broering Santos** (Curso e Colégio Fatenp). **Sandro Moacir Campos**, professor da Secretaria Municipal da Educação de Palhoça e Contador de Histórias, brindou os presentes com o conto popular **“A lenda do amor”**. Após essas atividades o público retornou ao auditório da Fatenp, dando continuidade à programação.

No segundo bloco de atividades, a coordenação dos trabalhos coube à Francisca Rasche (Mestre e professora Colaboradora da UFSC) e a relatoria à Caroline da Rosa Ferreira Becker (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense – Campus Rio do Sul, SC). A professora **Iara Conceição Bitencourt Neves** (Doutora em Ciência da Informação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS) foi chamada à mesa para dar início a Conferência **“A atuação da biblioteca escolar e da sala de aula no processo de articulação de saberes”**. Em síntese, foram estas as palavras da conferencista: *“O que é o saber? Há muitas conotações filosóficas, pedagógicas a respeito do tema, mas aqui me refiro ao saber para ser transportado quando se está tratando de questões pedagógicas e biblioteconômicas. Ferreira (2001, p. 65) apresenta o saber como sinônimo de articular; articulação”*. Disse que *“existem saberes na área da Biblioteconomia e da Pedagogia. E é o processo de comunicação que promove a articulação fundamental desses saberes para que os objetivos educacionais e biblioteconômicos aconteçam. A escola é o local de articulação entre o saber e o fazer, e por isso a sala de aula deve estar articulada com a biblioteca escolar. A biblioteca possui uma missão a cumprir. É uma organização em si mesma. O Manifesto da IFLA/UNESCO sobre biblioteca escolar cita que a biblioteca deve servir de apoio às atividades escolares. Entretanto, discordo do uso da palavra apoio, pois refere-se à algo transitório, eventual, dispensável. Enquanto perdurar nas atitudes, mentes e no discurso que a biblioteca é apoio, pouco se conseguirá avançar para a melhoria desses espaços. Prefiro o uso da palavra embasar. Dá base à palavra apoiar. Temos um grande caminho a percorrer, a fazer, a pensar de outro modo. A informação é matéria-prima de tudo o que fazemos. E qual é o melhor espaço onde essa informação deva circular? Nas bibliotecas, é claro! O grande manancial de recursos, fontes de informação e de tecnologias da informação devem estar disponíveis para toda a comunidade escolar. Porém observa-se que os laboratórios de*

informática estão cheios de novas tecnologias da informação e da comunicação, e a biblioteca sem nada. A BE tem que gerenciar todos esses recursos. Nós acreditamos e aceitamos o Manifesto, mas a leitura e o acesso à informação requerem um elenco de ações articuladas com a sala de aula. Existe uma guerra entre bibliotecários e professores. Mas o problema está na nossa matriz cultural (o processo de colonização; o credo religioso; a pedagogia da transmissão oral). Ora, se 400 anos se passaram com a transmissão oral, não é em 100 anos que iremos mudar. Porém, podemos mudar com uma ação pró-ativa de quem atua na BE. A maioria dos que atuam em bibliotecas escolares são professores readaptados que estão ali para cumprir horário. E, assim, a biblioteca escolar continua na situação calamitosa de sempre. Mesmo assim o primeiro passo dessa articulação tem que partir da biblioteca escolar. Normalmente, os alunos do curso de licenciatura em pedagogia não recebem nenhuma informação da BE como espaço de formação, de recurso pedagógico, de laboratório de formação. Não queremos que o pedagogo exija serviços bibliotecários na escola. Ninguém ama o que não conhece. E essa articulação não acontece na maioria das vezes. Se a biblioteca escolar com uma equipe qualificada, motivada, ir ao encontro do professor, muda o status quo. As queixas são as mesmas, pois não mudou a atitude, a postura, o perfil, a psicologia, o modo de trabalho do bibliotecário. O bibliotecário, como profissional liberal, é visto como um prestador de serviço. Já o professor, é visto como um profissional preparado para ensinar. A BE é uma instituição de serviços e precisa criar, negociar, dinamizar e representar o ambiente escolar. O bibliotecário tem de ir aonde o usuário/leitor está. Tem que ser metido, intrometido, muito bem capacitado, planejado, ou seja, tem que saber propor programas e projetos. Também o bibliotecário precisa ter um bom trânsito político dentro da escola. Precisa trazer a sala de aula para dentro da biblioteca, porque se o professor vem, o aluno também vem. Temos que dar um

valor muito grande para o professor, para daí trazer o aluno, principal usuário da biblioteca escolar. Devemos começar com pessoas que sabemos que são aliados, que gostam, que freqüentam, que vão, que planejam com a biblioteca. É preciso saber articular as parcerias. Temos que chamar as pessoas, negociar, estar prontos para receber os professores e os alunos. Devemos realizar uma virada de política, atendimento, desenvolvimento, gestão. Planejadamente, objetivamente, devemos agir. Que políticas? Que objetivos usar para desenvolver as bibliotecas? Ter claro o que nós queremos, e em que teorias iremos nos apoiar? Em qual autor? Olhar para a Pedagogia, ler os autores da Ciência da Informação. Trabalhar com professores, desenvolver e ensinar pelas bibliotecas. Assim teremos um processo poderosamente articulado entre sala de aula e biblioteca. O bibliotecário deve ser um voraz leitor, e apropriar-se dos dispositivos informacionais. Deve aprender a aprender, fomentar a pesquisa escolar. Realizar hora do conto, da leitura, teatro, dança. Possibilitar o acesso livre à biblioteca, e não o acesso ritual (com hora marcada, o aluno pega o livro e o devolve na biblioteca). Ler é aprender, é viajar, é sonhar, é construir sentidos. **Três instrumentos são importantes para a articulação da biblioteca no contexto escolar: o acervo, as tecnologias da informação e da comunicação, e as práticas culturais.** Como resultado dessa articulação, tem-se as três inclusões: social, cultural e digital - a vivência plena da cidadania. A qual é observada pelo cidadão crítico, que analisa o perfil do seu candidato nas eleições, que reclama seus direitos junto aos órgãos competentes, porque lê, porque tem acesso. São estas as minhas palavras, fruto de muitas leituras e de muita pesquisa.”

A quarta conferência “**O escrever como lugar de descoberta**” coube a professora **Gilka Elvira Ponzi Girardello** (Doutora em Ciências da Comunicação, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC) que trouxe para reflexão as seguintes palavras: “*Somos todos leitores.*

*Somos todos escritores. Sejamos promotores da nossa própria escrita, uma forma de materializar projetos, argumentos, vontades. Escrever é espaço subjetivo fundamental para nos descobrirmos. Escrever é também ação, processo, produção. Quando escrevemos pensamos que é para contar o que se sabe. O foco hoje é um pouco diferente; é complementar. É descobrir aquilo que não sabemos. O escrever como espaço na vida para descobrir coisas novas. Eu trabalho hoje com práticas de ensino nas séries iniciais. E a escrita é um momento de encontro com a nossa própria voz. A ação de escrever descrita por Natalie Goldberg (1990) mostra as possibilidades de fazer fervilhar a produção escrita nas pessoas com as seguintes regras básicas: **1- mantenha sua mão em movimento:** o ato de escrever tem dimensão física. Dimensão de ação que tem que ser respeitada; **2- perca o controle:** diga o que você quer dizer. Não se preocupe em decidir se aquilo é correto, educado, apropriado. Apenas deixe-o sair. Espaço de liberdade; **3- seja específico:** a força do nome específico das coisas. Olhar o mundo, descobrir pessoas, natureza. Homenagem de dignidade ao nome das coisas. Mas seja gentil com você mesmo; **4- não pense:** é uma metáfora para uma atitude de liberdade do pensamento ‘pense plenamente com todo vigor. Liberdade de não pensar. Chegar num lugar aonde nunca havíamos chegado; **5- não se preocupe com pontuação, ortografia e gramática:** aqui estamos no processo e não no produto final ‘vertigem escrita livre’; **6- você está liberado para escrever o pior lixo do país:** ver o que acontece, lançar-se à vertigem; **7- ataque a jugular:** ter um texto com voz, ou seja, não desviar daquilo que nos inquieta. Metáfora: momento de fazer massa. Valorizar o momento de fazer a massa; **8- ruminação:** ruminar nossas experiências, nossas leituras, dialogar com autores’. Ler e escrever ao mesmo tempo. Ocasões de leitura podem ser escritas. Valorizar a escrita cotidiana e fazer muito uso dela. Todos os dias escrever uma linha. Escrever mais. Criar tempo para poder escrever. Descobrir coisas, sentidos, nexos, relações.”*

Após estas palavras, a professora Gilka lançou aos presentes um desafio, os convidando para *“Fazer uma pequena brincadeira: um ateliê da escrita”* alertando-os: *“Ninguém vai ler. Todos têm caneta e papel? Parabéns!”* e estipulou 6 minutos de *“Permissão física para escrever.”* E todos exercitaram a escrita do que vinha à mente, sem se preocupar com o que exatamente vinha e tão pouco com a pontuação. A professora Gilka continuou... *“Queremos chegar na frente do computador e fazer maravilhas. Dar tempo para que nossa escrita faça uma pesquisa dos nossos próprios processos de pensamento - espaços de liberdade. Escavadeira que cria espaços para pensar e articular ideias.”* Então, leu a ‘carta aos leitores que ainda estão para nascer’ e apresentou ao público outra pergunta, sugerindo que a fizessem a si mesmos: *“O que eu diria aos que vão nascer sobre as coisas que venho buscando no meu trabalho cotidiano?”* Todos escreveram suas respostas em folha de papel distribuída por ela. Terminado o tempo, cada um guardou a sua resposta para si e ela apresentou a sua resposta ao público: *“Grandes e profundas lições: usar a força da palavra da autoria a nosso favor. Lembrar da importância da cozinha, do ateliê, dos bastidores... o direito de sermos autores da nossa vida”*.

A quinta conferência **“O ensino à distância, a especialização e a biblioteca escolar”** proferida pela professora **Magda Teixeira Chagas** (Doutora em lingüística, do Departamento de Ciência da Informação da UFSC, Coordenadora do Curso de Especialização, à Distância, em Gestão de Bibliotecas da UFSC). Magda trouxe ao VI Fórum de BE informações sobre esse Curso iniciado em 2009. Informou que a oferta desta atividade é uma característica diferenciada de tudo o que o Departamento de Ciência da Informação já havia realizado até aquele momento e que pensar o ensino à distância foi um desafio, já que as pessoas não davam valor à educação à distância. Afirmou que a intenção do curso é de estar atento ao público das bibliotecas escolares já que os usuários deste tipo de biblioteca (pais, professores, comunidade, alunos) possuem

novas necessidades. Relatou o que é ensinar na educação à distância, o histórico da educação à distância na UFSC e de como se dá esta educação. Comentou sobre o curso de especialização *lato senso* e as exigências para realizá-lo, e de como é composto o corpo docente. Em relação ao Curso de Especialização de Bibliotecas Escolares na modalidade à Distância, a palestrante mencionou as exigências para a implantação do curso, o público alvo, as vagas oferecidas, os objetivos, a estrutura curricular, a equipe, a organização do curso e os pólos aonde acontecem os encontros presenciais em Santa Catarina. Enfatizou que os professores são, normalmente, os responsáveis pela BE e por isso essa especialização também busca qualificar esse profissional. Em contrapartida, os bibliotecários, ao participarem dela têm a oportunidade de conhecer um pouco da área da educação. Comentou que a parceria e a complementação de conhecimentos das áreas da educação e da biblioteconomia são fundamentais para que a BE seja entendida como elemento base da formação escolar. Os recursos utilizados nesse curso são: bibliografia específica e complementar, vídeoaulas e conferências. Nos encontros presenciais além da ministração de aulas é oferecida orientação aos alunos; momento para tirar dúvidas. **O Curso de Especialização à Distância em Biblioteca Escolar da UFSC divide-se em quatro temáticas: a) sociedade e informação; b) gestão de bibliotecas escolares; c) tratamento da informação em bibliotecas escolares; d) mediação e serviços em bibliotecas escolares.** Magda apresentou gráficos com o quantitativo de alunos (por municípios onde estão os pólos e os que residem fora dos pólos), as profissões dos alunos, os que já participaram de outros cursos nessa modalidade e quantos possuem computador. A conferencista comentou que mesmo representando um desafio, o curso de EaD em BE já possui uma demanda para a abertura de outras turmas, e também o Ministério da Educação solicitou a oferta dessa especialização em nível nacional, fato este que vai ao encontro da necessidade de oferecer e dinamizar bibliotecas escolares. A professora agradeceu o convite para

participar deste importante evento na área de bibliotecas escolares e se colocou à disposição para qualquer esclarecimento sobre esse curso.

Após o encerramento dessa conferência, Francisca Rasche, coordenadora dos trabalhos, chama à mesa as três conferencistas desse segundo bloco de atividades, abrindo espaço para que o público iniciasse as interlocuções às suas conferências.

Prosseguindo com a programação, foi instalada a Mesa Redonda **“Poder público e escola: um olhar para a Biblioteca Escolar”**. Para coordená-la a Mestre de Cerimônia Chamou a professora Iara Conceição Bitencourt Neves e os palestrantes inscritos para compor essa mesa. Inicialmente chamou o senhor Isaac Ferreira (Gerente do Ensino Fundamental da Secretaria de Estado da Educação), a representar o Secretário de Estado Paulo Bauer que, para surpresa da comissão organizadora, não compareceu. Seguidamente foram chamadas a senhora Jucelete Isaltina Silveira dos Santos (Secretária Municipal de Educação do Município de Palhoça), a professora Doutora Gisela Eggert Steindel (Departamento de Biblioteconomia/UDESC), e a professora Mestre Francisca Rasche (UFSC), para que nessa ordem proferissem suas palestras.

Jucelete Isaltina Silveira dos Santos, licenciada em História, Especialista em História Social e Gestão Escolar e Professora do quadro do Magistério da Rede Estadual de Educação do município de Palhoça, informou que o município de Palhoça possui 27 escolas municipais e, todas, quando consultadas informaram ter biblioteca. No entanto, posteriormente, constatou-se um equívoco. Biblioteca, para a maioria dos diretores consultados, era uma sala de aula com alguns poucos livros. Com base nisso o número de escolas com biblioteca foi atualizado, 5, nos informou Jucelete e não 27. Constatada a necessidade de instalação de BE em 22 escolas, informou a Secretária que a ampliação de salas de aula nas escolas vem em primeiro lugar em função da crescente demanda

de alunos. Ela informou que mesmo nas escolas que não há bibliotecas, são desenvolvidos projetos bem interessantes, e para sanar a precariedade de BE no município a secretaria criou o “*Projeto Biblioteca Ambulante*”, tendo a Hora do conto como atividade principal. Informou, ainda, que está tramitando no Legislativo daquele município **Projeto para criação de 8 cargos de bibliotecário**, sendo que 1 para a Biblioteca Pública Municipal, que atualmente possui apenas uma bibliotecária. Ou seja, a intenção é de que nas cinco escolas que têm biblioteca, haja um profissional bibliotecário. Sobre a Biblioteca Pública, informou que a mesma encontra-se em espaço locado e que a Secretaria está buscando um lugar no centro de Palhoça. Contudo, a ideia é buscar um ambiente próprio e definitivo para a biblioteca Municipal. Disse existir um planejamento prevendo ambientes para bibliotecas escolares e também concurso público para bibliotecário.

A professora **Gisela Eggert Steindel**, (Doutora em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC), comentou o quanto “*é animador pensar que num sábado à tarde existem profissionais reunidos que acreditam na biblioteca escolar. A BE é um antídoto contra a ignorância*”, disse ela. Após estas considerações iniciais a palestrante apresentou breve histórico da BE em Santa Catarina a partir do Período Republicano. Nesse período, durante a organização do ensino primário, ela teve uma função importante. Os ideais da BE foram relatados, sendo eles compostos por acervos qualificados. A intenção era a de formar leitores integrando a BE a um conjunto de órgãos relacionados à educação. Havia a figura da professora encarregada da biblioteca que coordenava todas as atividades e visitas realizadas nesse ambiente. As atividades desenvolvidas pelos e nos clubes de leitura e pelas BE complementavam-se. A biblioteca foi vista como um conjunto de atividades e existia certo patriotismo em defesa delas. Em Santa Catarina o seu crescimento ocorre a partir da década de 40 do século XX. Lourenço Filho, nessa época antecipou os ideais do “*Manifesto*

da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar". A partir da década de 50 desse mesmo século, as bibliotecas escolares vão dando lugar às bibliotecas públicas e na década de 70 verifica-se certa cumplicidade entre ambas. Para a palestrante a BE ampara o ideal democrático, pois possibilita a igualdade para todos. Além disso, ela é espaço de acesso à informação e à sabedoria, base para conhecimento, reflexão e opinião. Neste sentido toda biblioteca é portadora de justiça, razão ela qual a comunidade escolar precisa de biblioteca na escola.

Francisca Rasche, (Mestre em Ciência da Informação e professora do Curso de Especialização em Gestão de Bibliotecas Escolares, da UFSC, modalidade à Distância) trouxe para o debate a relação da erradicação do analfabetismo com a existência de bibliotecas nas escolas e de bibliotecário nelas. Comentou que dentre os objetivos do milênio está o de erradicar o analfabetismo. Para cumprir esse objetivo existe um alinhamento entre a ONU/UNESCO e vários países, o qual é composto por declarações, acordos e tratados internacionais. Mas, com relação à BE, segundo a palestrante, ainda falta institucionalizar esse espaço, ou seja, ela precisa aparecer nas leis. O Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), por exemplo, concentra-se em adquirir e enviar acervo às escolas, porém com relação a ele, há duas questões que merecem ser pensadas. A primeira é que esse programa utiliza um método quantitativo de envio de acervo. A segunda é a falta de um componente humano que crie condições para efetivar esse recurso de forma a implantar e desenvolver nas escolas e nas bibliotecas um enamoramento com a leitura, ou seja, o bibliotecário. Portanto a parte qualitativa do programa o deixa a desejar. Para Francisca, qualidade em BE tem relação de se ter ou não bibliotecário nela, aos recursos injetados nessas bibliotecas, à capacitação de professores e de bibliotecários e ao trabalho colaborativo dos profissionais escolares para formar leitores. Para ela, não dá para falar em educação sem incluir nela a BE, assim, como é impossível pensar em erradicar o analfabetismo sem oferecer aos escolares a opção de uso da BE. E a partir disso

apresenta suas considerações finais: “*Precisamos de argumentos e de parcerias para efetivar isso.*”

Concluídas as apresentações a coordenadora dos trabalhos, professora Iara Neves, abriu espaço para perguntas as quais se voltaram à situação das Bibliotecas do Município de Palhoça. Após os esclarecimentos prestados pela Secretária de Educação daquele município, tratou-se do encerramento deste VI Fórum de Bibliotecas Escolares. Eliane Fioravante Garcez, coordenadora do GBAE/SC, comentou sobre a programação diversificada, a integração de palestrantes de diferentes áreas mostrando que a BE é tema e responsabilidade de muitos. Agradeceu a colaboração dos conferencistas, coordenadores de mesa, relatores, dramatizadores e de todo o pessoal de apoio que asseguraram a realização do evento. Também agradeceu à editora FTD, ao Sindicato das Escolas Particulares de Santa Catarina (SINEPE/SC), à Associação Beneficente da Indústria Carbonífera de Santa Catarina (SATC), nos nomes das bibliotecárias Maiara Danuza de Medeiros e Michele Pinheiro, à Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB), ao Grupo dos Acadêmicos de Biblioteconomia de Santa Catarina (CAB/SC), aos Departamentos de Biblioteconomia da UFSC e da UDESC e ao CRB-14. Agradeceu à Fatenp, à Multiacervo, à Livrarias Catarinense e à Gráfica Madri, patrocinadores desse evento, e também ao senhor Celito Melo pela cooperação. Fez um agradecimento especial à equipe da Fatenp pelos serviços prestados nas mais diversas áreas, os quais permitiram que esse evento fosse realizado com tranquilidade, gerando harmonia e bem-estar aos participantes. Novamente convidou os presentes para fazerem parte do GBAE/SC, inclusive, para candidatarem-se à próxima gestão.

Palhoça (SC), sábado, 24 de outubro de 2009.

**Grupo de Bibliotecários da Área Escolar de Santa Catarina
(GBAE/SC)**

SCHOOL LIBRARIES STATE FORUM VI: report 2009

Abstract: Report about the VI School Libraries State Forum (Fórum Estadual de Bibliotecas Escolares) at Palhoça (Santa Catarina), october 24 2009.

Keywords: School library; Librarian – Teacher – Public Power – Partnership; School Libraries – Santa Catarina – Forum; Grupo de Bibliotecários da Área Escolar de Santa Catarina (GBAE/SC).

COMISSÃO ORGANIZADORA

Eliane Fioravante Garcez

Bacharel em Biblioteconomia (UFSC)
Especialista em Gestão da Informação (UFSC)
Especialista em Gestão de Bibliotecas (UDESC)
Mestre em Ciência da Informação (PGCIN/UFSC)
e-mail: efgarcez@ig.com.br

Herta Kieser

Bacharel em Biblioteconomia (UFSC)
Especialista em Gestão de Bibliotecas (UDESC)
e-mail: hertakieser@gmail.com

Inês Josino da Silva

Bacharel em Biblioteconomia (UFSC)
e-mail: inesjosino@gmail.com

RELATORAS DE MESA

Caroline da Rosa Ferreira Becker

Bacharel em Biblioteconomia (UFSC)

Especialista em Educação: Leitura, Literatura e Letramento (FEHH)

Mestre em Ciência da Informação (PGCIN/UFSC)

e-mail: carolzinhaferreira@yahoo.com.br

Claci Terezinha Ross Gebien

Bacharel em Biblioteconomia (UNIRIO)

e-mail: clacitrg@yahoo.com.br

Artigo:

Recebido em: 12/06/2011

Aceito em: 17/09/2011